

Directora: **Nassalete Miranda**
16 Julho de 2014
Nº 126 | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

EM DESTAQUE | Págs.3 a 5

Sophia no Panteão



LUSOFONIA | Pág.9

8 Séculos da Língua Portuguesa-Associação

Lançada medalha oficial das Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa

Cantata da Paz

Vemos, ouvimos e lemos
Não podemos ignorar
Vemos, ouvimos e lemos
Não podemos ignorar

Vemos, ouvimos e lemos
Relatórios da fome
O caminho da injustiça
A linguagem do terror

A bomba de Hiroshima
Vergonha de nós todos
Reduziu a cinzas
A carne das crianças

D'África e Vietname
Sobre a lamentação
Dos povos destruídos
Dos povos destróçados



Luís Cabral
bibliotecário, arquivista

Domingos Silva: o saber e a arte da encadernação

Quando um homem tem a sorte - sorte para si próprio e para os que com ele trabalham e convivem - de fazer simultaneamente setenta anos de profissão e sessenta de empresário, é pouco dar-lhe apenas um abraço de parabéns. Isso acontece, sem dúvida, com o Senhor Domingos Dias da Silva.

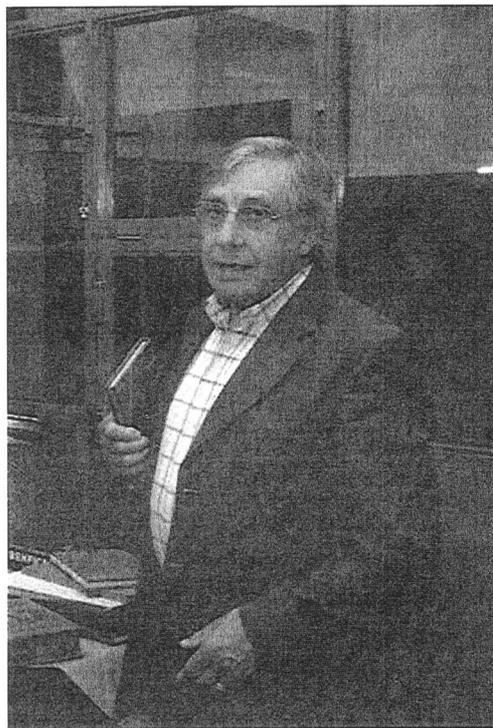
Antes de lhe entregarmos as merecidas felicitações ou de falarmos um pouco acerca da sua vida profissional exemplar, devemos referir uma característica que é porventura a mais rara de todas: o seu perfil de mestre. Verdadeiro educador, primeiro no plano da família (hoje são os netos que com ele partilham as responsabilidades das empresas, amanhã serão os bisnetos a continuar os seus valores), depois no trabalho, aí conseguindo formar gerações de profissionais, sempre também ele próprio a aprender fazendo.

À semelhança da tradição medieval dos artesãos, reconhece-se nele uma espécie de vínculo de paternidade naquela relação entre mestre e discípulo, no revelar dos segredos de um saber antigo e vivido, com paciência, pedagogia e com aquela autoridade que distingue e enobrece.

Mestre da arte da encadernação, tem sabido acolher e formar jovens aprendizes que, no tempo devido, se transformaram em oficiais competentes. Uns permaneceram na mesma casa, outros partiram para trabalhar em diferentes oficinas, assim espalhando uma arte construída pelo esforço de gerações.

Acréscimo a esta atitude de quem ensina, de quem está especialmente vocacionado para transmitir o muito que sabe, um sentido de classe profissional que o leva a apoiar os seus pares. Os conhecimentos acumulados e as suas características pessoais levaram a que fosse, ao longo da vida, convidado a participar em reuniões e feiras nacionais e internacionais e a exercer também funções de perito da especialidade.

A sua biografia, ainda que relatada brevemente, contém pontos particularmente interessantes. Nascido em 20 de setembro de 1929, em Labruge, Vila do Conde, é à cidade do trabalho que muito novo se dirige. Nesse tempo começava-se cedo, mesmo cedo, a trabalhar "na arte", sobretudo quando se aspirava a atingir um



FOTOS DR

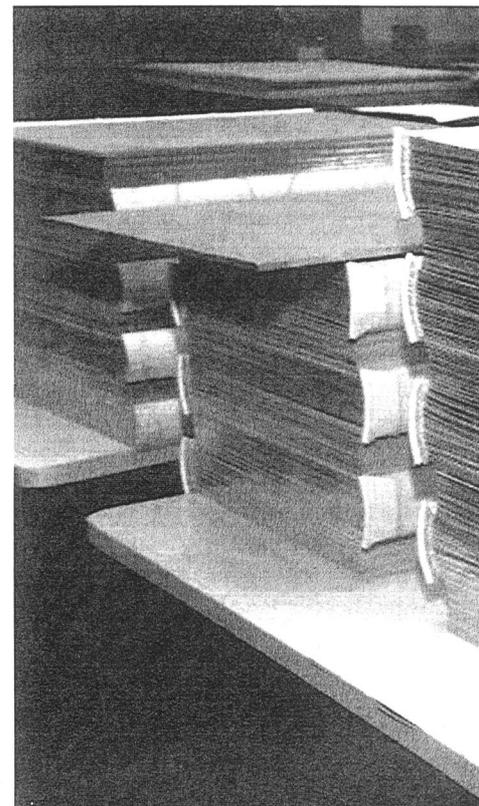
grau de mestria alto. Foi esse o caso de Domingos Dias da Silva. Vemo-lo, ainda quase criança (apenas com catorze anos), como aprendiz de encadernação na Tipografia Modesta (rua dos Caldeireiros) e, um ano mais tarde, em Baptista Encadernador (rua do Corpo da Guarda). Mas é na Encadernação de Augusto de Almeida, mestre com loja aberta na rua do Almada, uma oficina que remontava ao séc. XIX, que, aprendiz de 4.º ano, é promovido a auxiliar de encadernador e, finalmente, a encadernador-dourador. Com vinte anos, durante o serviço militar, instala uma oficina de encadernação na Escola Prática de Infantaria, em Mafra. Regressado à vida civil, trabalha ainda em Francisco Ribeiro de Araújo (rua da Alegria).

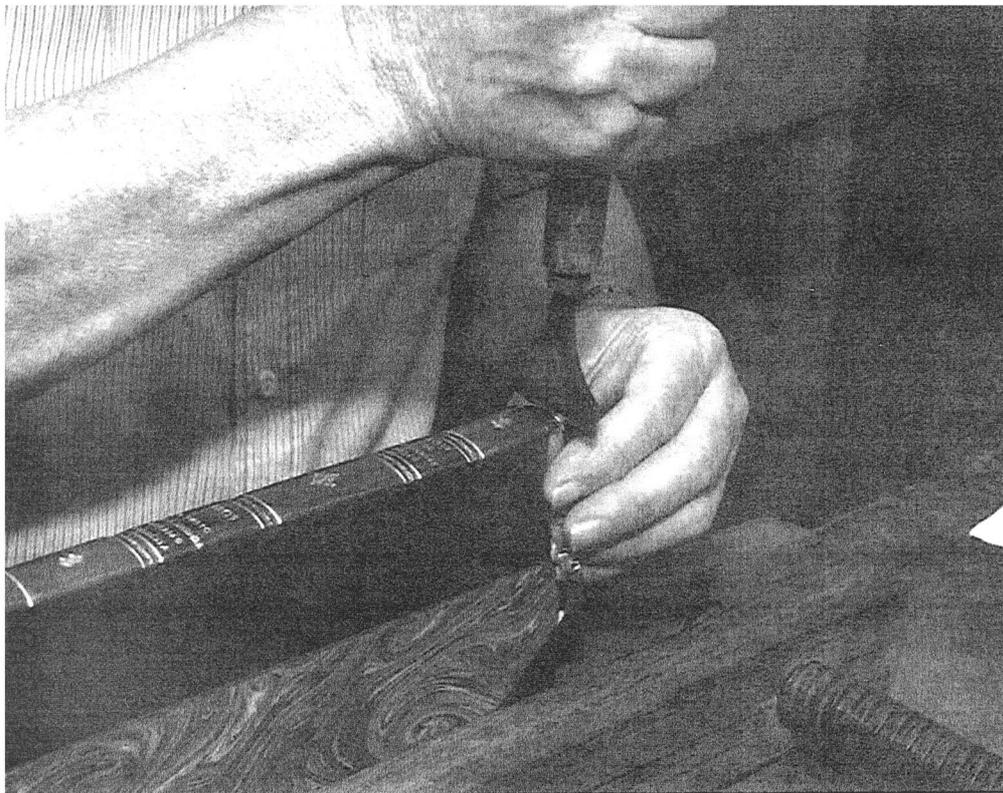
Em 1954 estabelece com um colega a firma Manuel Ferreira & Silva em instalações sucessivamente na rua do Breiner e no largo Coronel Pacheco. Um forte espírito empreendedor levou-o, para além de manter e desenvolver a sua firma de encadernação, a adquirir em 1981, em contexto de algum risco, a então já mais do que centenária Imprensa Portuguesa. Esta firma havia sido fundada por Anselmo de Moraes em 1864, constituindo um espaço que recorda a figura de Camilo Castelo Branco, sendo uma

tipografia ligada ao republicanismo e que teve relevante atividade editorial. No mesmo local - o palacete que fora do Visconde de São Carlos, na rua Formosa, n.ºs 108-116 - ficaram assim juntas as duas firmas de que Domingos Silva é hoje o sócio principal, a de tipografia (Imprensa Portuguesa) e a de encadernação (Manuel Ferreira & Silva).

A evolução tecnológica conduziu à encadernação mecânica ou industrial, área em que a empresa também singrou, localizando-se atualmente em Lavra, Matosinhos. Nessas novas instalações tem sido desenvolvido trabalho de qualidade tanto para o mercado nacional como para o estrangeiro.

Porém, a arte de eleição foi - e é - a "sua" encadernação manual tradicional, podemos concluir prová-lo pessoalmente há muitos anos. Guardamos na memória, como tantas outras pessoas, o ano de 1994, em que Domingos Silva fazia cinquenta anos de vida profissional. Durante a 64.ª Feira do Livro do Porto, então no interior do Palácio de Cristal, promoveu uma iniciativa única entre nós: a instalação de uma oficina viva de encadernação, em que o públ





deixará de nos fazer lembrar uma arte muito antiga no Porto e na região, a “famosa arte da imprimeira” ou dos “mestres de empreitar livros”. Quando nos reportamos aos primórdios da História do Livro, aqui na cidade que foi o berço dos primeiros livros impressos em Portugal em Língua Portuguesa (feitos pelo impressor Rodrigo Álvares em 1497, à ordem do bispo Dom Diogo de Sousa), encontramos documentado, logo no século XV, o ofício de encadernador, que não era só aquele que agregava os cadernos e lhes punha as capas por razões funcionais e estéticas, mas também aquele que fornecia livros em branco, que permitiam o bom andamento dos assuntos da cidade, fossem eles do âmbito temporal (documentos jurídicos e notariais...) ou espiritual (breviários e missais...). Lembre-se que, ainda não há muitos anos, a “prova de fogo” para habilitação ao título de oficial de encadernador era justamente a execução da “obra” de um missal.

Terminarei com o que considero ser uma excelente notícia. Numa opção cultural reveladora da paixão pela sua arte, o Senhor Domingos Silva acaba de manifestar a intenção de manter no edifício da rua Formosa o interessante espaço museológico de tipografia e encadernação. Aí, através de um contato direto com máquinas e utensílios, os visitantes podem ter uma ideia precisa da tipografia manual e da encadernação de tradição.

Bem haja, caro Senhor Domingos Silva, pois é com gestos como este que se mantém e honra um nome respeitado numa região (ou “termo”) com tão grandes tradições de trabalho e de cultura como o Porto, Matosinhos e Vila do Conde. E, agora sim, receba um abraço amigo!



o pôde, ao longo de três semanas, apreciar as diversas fases do complexo e exigente processo. Além da presença assídua e esclarecedora do mestre, ali se podiam ver a trabalhar, em situação real, quase vinte operários, homens e mulheres, desde a costureira de encadernação até ao oficial encadernador-dourador, que, coando todo esse trabalho, apunha a ouro os erros decorativos e os dizeres.

Também em 1994, a Câmara Municipal do Porto atribuiu a Medalha de Mérito da Cidade grau ouro) “ao Senhor Domingos Dias da Silva, que este ano completa 50 anos como encadernador manual, tendo atingido um grau

excepcional de qualidade numa actividade tradicionalmente importante na Cidade do Porto”. Reconhecia-se assim também, de modo simbólico, o contributo dado à Cidade por um dos mais cativantes ofícios de tradição, numa altura em foram igualmente agraciados os editores e livreiros centenários ou cinqüentenários.

Da postura de mestre sabedor, interessado e sempre entusiasmado pela sua arte, registam-se aqui dois momentos distanciados entre si no tempo: um, irá de uns trinta para quarenta anos, quando pela primeira vez visitei a oficina de encadernação, na altura ainda nas instalações do largo do Coronel Pacheco (seguiram-se várias outras visitas de cariz profissional e pessoal à casa da rua Formosa). Esses foram para mim, então jovem aprendiz de bibliotecário, momentos importantes, em que pude compreender esta multissecular arte do livro. O outro foi quando acompanhei, não há ainda um mês, uma dezena de estudantes belgas do ateliê de *design* gráfico da Stedelghe Academie voor Schone Kunsten, Hasselt, numa ida às oficinas de encadernação de Manuel Ferreira & Silva. Num ambiente com um toque oitocentista, esta visita, no contexto de uma profissão que, como sabemos, tem processos de aprendizagem muito elaborados, revelou-se profícua, não só pelo modo pedagógico como as várias fases do trabalho foram demonstradas na prática, como pela circunstância de a formação ter incidido num grupo de formandos que tinha uma ligação prévia ao mundo do trabalho. Felizes encontros estes entre experiência e juventude, passado e futuro, tradição e inovação. Estou certo de que Domingos Silva subscreverá estas palavras.

A distinta figura deste encadernador ou se quisermos do oficial encadernador-dourador não

